

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

... ad ea quae sunt prius extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

1D. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

OS BISPOS PORTUGUEZES E O MONUMENTO A PIO IX, O GRANDE.—O MICROSCOPIO E O POSITIVISMO DA HORA PRESENTE, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Elevação sobre a Salve Rainha*, (continuação) pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Tratado da Religião em Geral*, Artigo II, (continuação) V. de P. P.; *A Propagação da Fé*, pelo Padre Antonio Joaquim Teixeira.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem prehistorico*, pelo Padre F. Sanches.—SECÇÃO CRITICA: *A Correspondencia entre os Snrs. Camillo Castello Branco e Thomaz Ribeiro*, pelo Padre Vaz.—SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. Gay, traducção do Padre Lima, (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*.—*Correio sem franquia*.

OS BISPOS PORTUGUEZES

O MONUMENTO A PIO IX, O GRANDE

III

De S. Ex.^o R.^{ma} o Snr. Arcebispo
de Gôa, Primaz do Oriente

Ill.^{mo} e R.^{mo} Snr. Presidente da Com-
missão promotora do monumento ao
SS. P. Pio IX:

A idea, nascida na catholica Gui-
marães, de levantar a Pio IX, o maior
vulto do seculo, um monumento gran-
dioso, que atteste ás gerações contem-
poraneas e vindouras o amor e dedica-
ção do povo portuguez á Cadeira de
S. Pedro, despertará, não podemos du-
vidal-o, no coração de todos os bons
Cathólicos os sentimentos do mais vivo
entusiasmo, e ha de attrahir as ben-
çãos e approvações dos primeiros pas-
tores. Pelo que me diz respeito, appro-
vo de todo o meu coração pensamento
tão generoso e significativo, para cuja
realização desejára poder contribuir
com avultada quantia.

Pio IX foi um dos pontifices mais il-
lustres, que se teem assentado no Solio
do Principe dos Apostolos; os seus he-
roicos soffrimentos, as suas excelsas
virtudes, a coragem sobrehumana, com
que defendeu até os ultimos momentos
os direitos e a liberdade da Igreja
diante dos tyrannicos poderes da revo-
lução e do cesarismo, as profundas e

consoladoras verdades, que proclamou
para bom da Igreja e da sociedade,
tornaram o seu nome conhecido e res-
peitado em todos os logares do mundo
e grangearam-lho a immortalidade na
historia.

São estes titulos mais que suficien-
tes, para que o fidelissimo Portugal,
cujas tradições e destinos gloriosos são
inseparaveis do seu amor pela Fé, ele-
ve ao Pontifice da Immaculada um con-
digno monumento, prova de nossa fide-
lidade aos eternos principios do Catho-
licismo, da nossa submissão á Santa
Sé de Roma e tambem de nossa grati-
dão; porque ninguem hoje ignora o
amor que votava á nação portugueza o
magnanimo Pio; era dia de festa no seu
palacio aquelle, em que o visitava al-
gum filho d'esta terra, outr'ora mãe
fecundissima do heroes e do Santos.

Eis a minha resposta á circular da
Commissão promotora do monumento,
á qual V. R.^{ma} tão dignamente presi-
de. Mais adiante, quando a solução de
certos negocios me permitta partir para
a minha diocese, é natural que eu in-
teresse n'esta obra os meus amavos
subditos, em quem espero encontrar
profundamente impressos, como n'essa
historica cidade, os sublimes sentimen-
tos da religião e da patria.

Receba, Snr. Presidente, e faça pre-
sentes a todos os respeitaveis membros
da Commissão os mais seguros penho-
res da minha estima e consideração.

Seminario de Santarom, 23 de No-
vembro de 1881.

✠ Antonio, Arcebispo de Gôa.

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1881

O MICROSCOPIO

E O

POSITIVISMO DA HORA PRESENTE

I

Antes de entrar em materia

A alguém causará de maravilha al-
gum reparo a prolongação da minha
estada em Londres. Que pode effectiva-
mente prender-me aqui? A amenidade
do clima, não: estamos no principio de
dezembro e o thermometro contigrado
marca já zero. Quando não tenho a cha-
miné acceza no quarto, a temperatura
do meu sangue é inferior á do da phoca.
Hontem ás sete horas da noite o ne-
voeiro era tão espesso que interceptou
completamente a reverberação do gaz,
fez parar todo o movimento dos carros
(imagine-se que algazarra!) e me obri-
gou a miip, que andava fóra de caça, a
recolher-me na primeira guarida que
encontrei, até á meia noite, pois só a
essa hora principiava a ver-so de novo
alguma cousa e se podia seguir uma
dircção sem perigo de abalroamento
de narizes ou, o que seria mais serio,
de ficar reduzido a esperregado debaixo
das rodas de algum vehiculo mais af-
fouteo que os outros.

Que pode prender-me aqui, repito?
As relações de parentesco não: não te-
nho parentes inglezes nem em Ingla-
terra; todos me ficaram n'esse saudoso
paiz onde se falla aquella lingua que

«com pequena differença se pensa que é latina.» Serão talvez as relações sociais ou de amizade? Tão pouco; vivo aqui só como um pombo viuvo. Os inglezes são excellentes para amigos ao cabo de... trez annos. Passado este prazo o gelo principia a derreter e dá uma amizade de primeira escolha.

O que então? A fascinação que se experimenta em fazer parte d'esta immensa engrenagem que se chama a população de Londres com a sua vida, o seu commercio, a sua industria, o seu movimento vertiginoso, os seus costumes, os seus confortos tão racionais, o seu proverbial bom senso, a sua tolerancia, a sua liberdade *cousa* e não *nome* e o seu genio? Não totalmente, porque o gozo d'esses bens, ou pelo menos d'uma parte d'elles, requer dinheiro — *rara avis*. A civilização moderna farta-se de chamar soberano ao povo, do qual eu faço parte. Ironia. Soberano sem *sobranos* é soberano sem *sceptro*, ou rei à moderna, que reina e não governa.

Que me prende pois aqui? Será a saude? Sim. Se é phenomeno de idiosyncracia, isto é, dom eu temperamento particular, ou se é porque o clima de Londres é, de facto, muitissimo saudavel, apesar de rigido, e tão saudavel que os portuguezes que se estabelecem n'esta cidade morrem n'ella de velhos, não sei: o que é certo é que a saude, a bella saude «au visage rouge et riant» me volta de braços abertos, trazendo-me nas mãos as flores primaveraes do viço e do vigor, ao passo que o largo inverno da minha enfermidade parece ir-se dissipando, como um *stratus* do crepusculo, mais saudoso de mim que eu d'elle. Beijei sempre a mão de Deus, que por dez annos me provou, porque não hei-de agora beijar a sua mão que me refrigerar?

Mas não é este o motivo unico nem talvez principal da minha persistencia na brumosa Albion.

Não me envergonho de dizer que vim estudar a Londres. O conhecimento das sciencias physicas é hoje de uma necessidade impreterivel a um padre que vive no meio da sociedade e tem os brios assaz altos para se não resignar a capitular, elle soldado nato da Igreja, perante as objecções ás vezes serias do positivismo hodierno, ou a substituir o argumento pela contumelia e pela diatribe. A diatribe é arina pesada, que dispara pela culatra e só serve para ferir o que a maneja.

Tomei, pois, a determinação de vir completar e aperfeiçoar n'esta cidade noções a que, ainda bem, não era estranho, porque de ha muito formavam o objecto das minhas leituras de predilecção, porem que não tinham nem eram susceptiveis de ter aquelle grau de desinvolvimento e solidez que só o

tracto com os homens da sciencia e a posse de auxiliares empyricos (museus, observatorios, gabinetes de physica, salões anatomicos, jardins zoologicos, botanicos etc.) podem fornecer cabalmente, illustrando e evidenciando as theorias adquiridas.

Ora Londres é uma cidade talvez incomparavel para conseguir qualqueres dos dois flus designados. Aqui vivem, estudam e ensinam homens de subido merito scientifico, de uma tenacidade, de uma efficacia de investigação assombrosa, que não desmerece um ápice por lhe faltar o *puffing* da prosapia franceza, amiga da ostentação e avezada a advinhar metade, multiplicando por dois a metade encontrada. Aqui existem os museus zoologicos, geologicos, paleontologicos mais completos que se conhecem no mundo.

O jardim de aclimação de Paris ou o seu (impropriamente) chamado jardim das plantas não são para que os comparemos com o zoologico de Londres, onde se veem os especimens mais singulares e raros que existem, sem exceptuar o pinguim, o tamanduá, comedor de formigas ou *myrmecophaga jubata*, o tucano de capacete ossoso ou o *buceros bicornis*, o cysne branco de pescoço preto ou *nigricollis* e o macaco de azas ou lemure *chiroptero*, cujos membros locomotores estão ligados entre si por membranas que lhe servem para o vôo. Ainda ultimamente tive occasião de observar estes especimens e outros não menos singulares, n'uma visita que fiz ao famoso jardim de Regent's Park, em companhia do meu amigo João de Bessa Pinto, que esteve por algumas semanas na capital da Inglaterra.

Assentei-me como um conviva de bom appetite a esta meza lauta da Londres scientifica. Nunca é tarde para aprender. Fiz abstracção dos meus quarrenta e dois incompletos, imaginei-me nos descuidosos tempos escolasticos e vim tomar o meu numero d'ordem no banco de pinho onde se assenta o estudante da Polytechnica de Regent Street, para ouvir as apostilas do professor. Se o faço um pouco fóra de sação, não o faço fóra de razão; lauto basta.

O proximo artigo de fundo que o leitor lerá e que encastôa a epigraphie «o microscopio e o positivismo da hora presente», offerecer-lhe-ha os primeiros fructos de alguns dias de attenção escholiar e as conclusões de algumas horas de estudo nos gabinetes litterarios em que abunda Londres e sobretudo no meu *garret* ou agua furtada de Brompton-Square.

Se não lhe mettem medo ao amavel leitor os assumptos scientificos, como mettia a José Agostinho de Macedo uma conta de sommar, quer-me parecer que lhe hão de ser de interesse e talvez

prazer as materias que ventilarei o mais clara e digeridamente que me for possível.

As grandes questões da actualidade pertencem ás sciencias de observação. O meu scôpo será insistir na idéa de que, em face da observação, se torna manifesta, como diz com uma verdade technica o notavel sabio americano, José Cook, «a orthodoxia da verdadeira sciencia». Os verdadeiros progressos scientificos ou prestam homenagem à Religião, ou passam como a tangente ao lado d'ella, sem a ferir.

Londres, dezembro, de 81.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

ELEVAÇÃO SOBRE A SALVE RAINHA

III

Eia pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.

In periculis, in angustiis, in rebus dubiis, Mariam cogita, Mariam invoca.

(S. Bernard. homil. 2. sobre o Misus est.)

Ditosa e bemaventurada sois, ó Maria soberana, e porisso dignissima de que todos vos louvem e recorram á vossa protecção.

Sois vós, ó Santa Mãe de Deus, o nosso humano recurso, porque foi por vós que Deus entrou n'este mundo, e cada vez mais entrará em cada alma.

Comvosco toda a alma pôde sempre alimentar esperanças de chegar á santidade. Comvosco as nações, que Deus fez curaveis, podem salvar-se, se quizerem. Comvosco o mundo inteiro, sepultado nas trevas do erro e do vicio, pôde avançar á luz e á equidade.

O' Maria, Mão do Verbo Eterno, throno de graças, refugio dos peccadores, humildemente recorremos ao vosso amor maternal, e vos supplicamos as graças de que tanto n'este mundo necessitamos.

Nada ha de candura, de perfeição, de virtude, de formosura e de graça que não resplandeça em vós, ó Virgem bemdita entre todas as mulheres, superior a todas as creaturas.

Vós sois a llôr do campo e o lyrio dos valles; e assim como o lyrio floresce e brilha no meio dos espinhos de que nasce, assim vós resplandeceis e brilhaes entre todas as creaturas.

Vós sois a cidade santa da Jerusalem nova que desceu do ceu, qual esposa para o seu esposo adornada por Deus

com as mais preciosas virtudes e grandezas.

Vós sois a unica Filha do Padre Eterno, Esposa do Espirito Santo e augustissima Mãe do Verbo humanado.

Vós sois aquella que caminhaes semelhante na formosura á aurora quando nasce, linda como a lua, escolhida como o sol, e formidavel como um exercito formado em campanha.

Vós fostes escolhida para ser a nossa protectora, muito antes de todas as gerações, primeiro que brillhasse o sol, que scintillassem as estrellas, que os astros girassem sobre nossas cabeças, que os campos se matisassem de boninas e o mar de arcias, antes que o mundo fosse mundo.

Primeiro fostes santa que nascida, diz S. Bernardo.

Desde o felicissimo ponto da vossa concepção fostes cheia de graça, porque fostes concebida sem a macula do peccado original; e logo ficastes excedendo na santidade aos mais elevados espiritos, na sciencia aos mais illustrados cherubins, e no amor divino aos mais abraçados Seraphins.

Qual da concha a mais preciosa perola, qual do botão a mais fragrante rosa, qual do Oriente a mais rutilante aurora, sahistes do ventre materno dando luz a todo o nascido, consolação a todos os viventes.

E quem é que se não alegrou com a vossa gloriosa vinda ao mundo? Ninguém, porque, se não fosses vós, ai do mundo que seria!

Com o vosso nascimento se alegram Joaquim e Anna, vossos gloriosissimos paes. Com a vossa companhia e desposorios se alegra José, vosso castissimo esposo. Com a vossa presença se alegra Zacharias. Com a vossa visitação se alegra Isabel, vossa ditosissima prima. Com a vossa soberana influencia o Baptista salta de prazer no ventre de sua mãe.

Sim, comvosco, ó Maria, que fostes esperada pelos patriarchas, annunciada pelos prophetas e desejada por todos os viventes, todas as creaturas se consolaram, se alegraram, se ennobreceram e se encheram de felicidades.

Se diz Santo Agostinho, que para comprehender o poder de Maria é necessario comprehender o poder de Deus; se diz S. Bernardo, que o poder de Maria não tem limites, é immenso, incomprehensivel; se diz S. Pedro Damiano, que Maria, quando pede a Deus pelos homens, pede como Senhora que manda, e não como escrava que obedece; se dizem finalmente todos os Santos Padres, que com Maria ninguem se perde, e sem Maria ninguem se salva; nós recorreremos com viva fé e devoção á vossa piedade.

Sob o vosso amparo nos abrigamos,

bem como os pintainhos sob as azas da gallinha.

Eia pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.

Esses olhos que em ninguem se fixam, que para ninguem olham, que não enchem de piedade, de devoção e amor, ponde-os em nós, Senhora das senhoras, Rainha das rainhas.

Esses olhos que são como duas fontes de agua que rebentam em Hesbeon; esses olhos em que fusila a ternura, o amor e a misericordia; esses olhos os mais formosos e bellos que formou o Creador; esses olhos que fallam ao coração de todos os homens, ponde-os em nós, benignissima e misericordiosa Senhora.

Sêde nossa mãe, e mãe cheia de ternura e bondade para nós. Se simplesmente para nós volverdes esses olhos misericordiosos, seremos felizes, porque a vossa santidade, o vosso poder e a vossa dignidade são depois de Deus a maior dignidade, poder e santidade.

Volvei, pois, para nós esses olhos que não tem eguaes, principalmente emquanto andamos desterrados n'este mundo.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

TRATADO

DA

RELIGIÃO EM GERAL

ARTIGO II

A religião é necessaria á sociedade

(Continuado do n.º anterior)

XXVI

O homem de bem pratica a virtude por interesse; direis vós. E que interesse podia haver em praticar a virtude, se para a praticar é necessario sacrificar os interesses proprios? «O interesse do christão é ganhar o cêo, ainda que isso lhe custe trabalhos e soffrimentos n'esta vida: mas quem não espera outras vidas, não tem outro interesse que o de fazer-se feliz n'esta, seja por que preço fôr. Ora, que mais estranha felicidade se pôde propor ao homem que a de combater incessantemente os seus desejos, as suas inclinações e até as mesmas precisões da natureza, que a de sacrificar-se em toda e qualquer occasião, sem esperanza de recompensa, pela felicidade d'outrem? Como será o interesse do pobre privar-

se do necessario quando pôde apoderar-se d'uma porção do superfluo do rico? Prendem-no, se roubar. O interesse de viver deve prevalecer ao interesse de matar a fome. Logo, se o pobre estivesse seguro de evitar o supplicio, o segundo interesse, ficando só, determinaria um dever contrario. Supprimi o carrasco, e tendes mudada a moral: é elle o pae de todas as virtudes. Porém, por mais que façam, este poderoso moralista não poderá ser sufficiente para tudo. A maior parte dos vicios que minam á surdina a sociedade ou lhe perturbam a harmonia, a avareza, a cupidez, o egoismo, a ingratidão, a insensibilidade do coração, a inveja, o odio, a calunnia, a libertinagem, não estão no seu dominio. Não salvará vossa filha, vossa mulher, da seducção. Ora, como direis vós que o meu interesse me manda repellir obstinadamente o prazer que se me offerece, quando no ardor d'uma violenta paixão eu seja senhor de satisfazer-a occultamente, com a certeza de não ser nunca descoberto. Será ainda o meu interesse que me levará a renunciar aos meus habitos, ás minhas commodidades, aos meus bens, á minha patria, á minha familia, a tudo quanto tenho de mais caro, para utilidade dos meus semelhantes ou do Estado a que eu pertenco? Não se tem, que eu saiba, observado até aqui que, n'estes diversos casos, as virtudes dos incredulos, comparadas com as dos christãos, tenham um caracter de superioridade assás saliente que acredite o principio do interesse pessoal. Como achar, n'este interesse, a razão do maior sacrificio que a sociedade possa pedir aos seus membros e o homem possa fazer ao homem, o sacrificio da propria existencia? Os nossos interesses presentes encerram-se todos no supremo interesse da vida. Quem a dá não reserva nada para si, nem sequer a esperanza. Antes de querer ter direito á virtude, da qual é o sacrificio o ultimo grau, vá pois a philosophia buscar no seio do nada um interesse que contrabalance todos os outros; mostre-nos no fundo do sepulchro, no meio d'esse frio pó e d'essas ossadas estereis que se reanimarão jámais, o preço que o mais sublimado dos affectos deve pagar!

XXVII

Sophismas não destroem a realidade das cousas. Debalde se quererá confundir o interesse particular com o interesse commum, ha de existir sempre entre elles uma opposição invencivel a todos os raciocinios. O interesse commum em mil circumstancias exigirá que eu definho na indigencia, que eu gaste as minhas forças e saude em trabalhos

penosos, de que os outros colham o fructo; que ou abate os meus desejos, as minhas tendencias, as minhas affeições; que eu soffra, enfim, e que eu morra: e enquanto não se tenha provado que a miseria, o soffrimento, a morte, são bens preferíveis ás riquezas, aos prazeres, á vida, será falso, evidentemente falso, que o interesse particular, separado do temor dos castigos e da esperança das recompensas futuras, seja a regra do dever o o fundamento da moral (1).» No systema do impio, o interesse particular prevalece a todas as coisas. «Façam os outros homens o meu bem á sua custa; diga tudo respeito a mim só; pereça o genero humano inteiro, se necessario fór, em penas e miséria, para me poupar a um momento de dôr ou de fome: tal é a voz intima do incredulo discorrendo (2).»

XXVIII

Em vão se quererá pois dar á virtude outro fundamento que a religião. Como vimos, é necessario que a religião sirva de sancção aos costumes, ás leis e á constituição do Estado, e não sendo assim, não ha sociedade possível. Uma vez reconhecida a religião como instituição divina, estabelece-se entre o chefe e os membros do corpo social a mais perfeita harmonia; a ordem succede ao arbitrio, a justiça á fraude e á corrupção, o interesse geral ao interesse privado, a caridade ao egoismo, a liberdade ao despotismo. Em dar a Deus o que é de Deus, aprendem os subditos a dar a Cesar o que é de Cesar (3); considerando-se como ministros de Deus (4), comprehenderão os reis a sua instituição para os povos e não para si proprios, e que o poder que elles têm em suas mãos não é uma propriedade, um dominio privado, mas um deposito sagrado de que não lhes é permitido gozar em proveito seu. A religião prescreve aos homens todas as virtudes, as virtudes privadas, as virtudes domesticas e as virtudes publicas; ordena-nos o amor da patria como o amor da familia, o amor de nossos semelhantes, ainda mesmo dos nossos inimigos, reservando a vingança para Deus e para os que são seus representantes na terra. Recorda a todos sem excepção, aos grandes como aos pequenos, aos senhores como aos servos, aos ricos como aos pobres, o dever de se amarem e honrarem reciprocamente, cada

um como esteja ao seu alcance e conforme a classe a que pertencer, *Honore invicem proeuenientes* (1). Então, como diz Bonald, «está justificada a auctoridade e ennobrecida a obediencia; e o homem deve temer-se tanto de mandar, como honrar-se de obedecer (2).» Isto verifica perfeitamente esta confissão de Rousseau: «Em principios, não pôde a philosophia fazer bem nenhum; que a religião o não faça ainda melhor; e a religião faz muito mais bem do que a philosophia poderia fazer.»

(Continúa).

V. DE P. P.

A PROPAGAÇÃO DA FÉ

Dilatar sempre sobre a terra o nome de Deus; communicar a um maior numero d'almas as chamas sagradas da verdadeira fé e caridade que o divino Salvador veio trazer á terra; combater, reduzir, vencer e fazer desaparecer d'este mundo as trevas da idolatria, da superstição e impiedade; trazer ao gremio da Igreja e á santa unidade dos seus preceitos, da sua hierarchia, da sua doce e maternal auctoridade, as nações arrastadas ao scisma ou á heresia: em uma palavra, cumprir o desejo tão tocante exprimido pelo nosso divino Redemptor algumas horas antes da consummação da sua paixão: «Pae, fazei que elles sejam um como nós somos um»; ha quasi 19 seculos que o apostolado catholico não cessa de se applicar a este trabalho, o maior, o mais nobre, o mais santo; que podem emprehender almas generosas, e mil vezes digno de excitar da sua parte todas as formas de dedicacão.

Ainda que porém esta funcção pertence áquelles que foram legitimamente iniciados no sagrado ministerio; ainda que o primeiro lugar cabe áquelles que pregam a palavra de Deus, e cumprem o supremo preceito dado por Jesus Christo: «Ide, ensinae todas as nações, e eu estarei convosco até á consummação dos seculos.» *Euntes ergo, docete omnes gentes, et ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi*; são comtudo muito importantes o zelo e assistencia com que os auxiliam os que lhes subministram os recursos da ordem material, ou lhes alcançam pelas orações que dirigem a Deus as graças e benções celestes.

E' isto o que se vê realisado pelos piedosos associados da Propagação da Fé, que, com a facil oração d'um sim-

ples Padre Nosso e uma Ave-Maria com a invocação: S. Francisco Xavier rogae por nós, e com a pequena esmola de dez réis em cada semana, facilitam os trabalhos e as conquistas dos operarios do Evangelho.

Sem deixarem sua patria, familia e amigos, lá vão, na pessoa d'esses intrepidos missionarios, ás mais longinquas paragens, aos gelos do polo, sob a zona torrida, ao seio da mais medonha selvageria.

Fornecer aos mensageiros da boa nova os meios de se transportarem aos mais remotos paizes, prover ao seu alimento e vestuario, abrir-lhes o caminho dos corações fazendo passar por suas mãos soccorros que salvam a vida a tantos infelizes que morrem á fome, civilisar e attrahir ao redil de Jesus Christo tantos infelizes, barbaros e de costumes horrorosos, tal é a parte reservada aos associados da Propagação da Fé; participar dos seus trabalhos, dos seus sacrificios e dos seus merecimentos, será tambem a sua recompensa.

Quando a impiedade realisa sommas enormes e envia nuvens de agentes a todos os paizes do mundo para fazer guerra a Jesus Christo, é na verdade edificante ver os fieis inflamados no desejo de ganhar almas para Deus, reunirem seus esforços e recursos para conquistarem todos os homens para Jesus Christo.

E' sobre modo consolador o ter de registrar na imprensa catholica o sublime quadro de piedade christã que se offereceu á contemplação dos espiritos catholicos na igreja da Misericordia d'esta cidade no dia 4 do corrente dezembro de 1881.

A igreja estava decorada com simplicidade; sobre uma urna especial, adornada de flores e luzes, recebia as orações dos fieis a imagem de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias e inclito padroeiro da associação da Propagação da Fé.

A's onze horas achava-se o vasto templo repleto de fieis para assistirem á missa, que foi cantada a cantochão e órgão, ficando o Santissimo Sacramento exposto todo o dia em satisfacção do legado a que a Santa Casa é obrigada. A's tres horas e meia da tarde cantaram-se vespersas solemnes, no fim das quaes tive a consolacão de fallar, da cadeira da verdade, a um numeroso auditorio, a quem, depois de historiar, a rapidos traços, a instituição e admiravel origem d'esta obra gigante, fiz por encarecer a santidade do fim, a facilidade dos meios e a excellencia das graças espirituaes concedidas pelos Summos Pontifices a todos aquelles que concorrerem para o augmento e prosperidade d'esta assombrosa instituição.

(1) Ensaio ácerca da indifferença em materia de religião, tom. I, c. XI.

(2) J. J. Rousseau, *Emílio*.

(3) S. Mathews, c. XXII, v. 22.

(4) S. Paulo, *Epistola aos Romanos*, c. XIII, v. 6.

(1) *Idem*, c. XII, v. 10.

(2) O divorcio considerado no XIX seculo.

E, graças a Deus, bastantes foram os fleis que se associaram.

Foi uma festa sem ostentação, mas verdadeiramente magestosa e edificante.

Os reverendissimos senhores ecclesiasticos assistentes, merecendo especial menção o dignissimo Capellão Mór que celebrou a missa, organista e cantores, todos prestaram seus serviços de graça; o sermão foi como tem sido de graça, havendo apenas a pagar 25940 reis que se dispenderam com a cera que ardeu na urna e allares, repiques e serventes para o que houveram esmolas especiaes.

Isto seria já bastante para excitar os fleis a concorrerem para o augmento de tão santa, tão sympathica e civilisadora obra; porém o que é sobre tudo surprehendente n'estes calamitosos tempos de descrença e indifferentismo religioso é a collecta realisada e já remettida ao thesoureiro diocesano, que vou descrever para animadora consolação dos bons associados, e esperançoso incitamento d'aquelles que ainda o não são.

Esmolas como obra determinada para lucrar o jubileu concedido por Sua Santidade Leão XIII.

Padre José Joaquim Ribeiro de Castro Meirelles	13\$500
Um anonymo	9\$000
Monsenhor e Protonotario Apostolico Doutor Antonio Camacho de Brito de Beja	7\$190
O mesmo como subscriptor ..	8600
Freguezia de Santa Eulalia de Pentieiros	5\$140
Freguezia de Santo Estevão de Urgeztes	3\$350
Freguezia de S. Jorge	1\$900
Anna Joaquina de Araujo da freguezia de S. Martinho de Cansoso	3\$920
Padre João Xavier Machado, Abbade de S. Cypriano ...	2\$520
D. Joanna Henriqueta Barbosa Mendonça, de Basto	1\$750
Esmolas recolhidas na caixa geral	92\$840
Esmolas com applicação especial:	
Abbade Fr. Francisco da Ave Maria Queiroz, de Souzaella, com obrigação d'uma missa conforme a tenção do offerente	4\$500
Doutor Padre João Martins Machado com a mesma obrigação	4\$500
José Castanheira dos Santos de Coimbra	5200
Esmolas no dia da festa	2\$595
Collectas dos chefes de decurias:	
Manoel Joaquim de Oliveira ..	4\$540
D. Maria da Conceição Vaz Vieira	4\$800

Manoel Ignacio Machado de Moraes, de Mirandella remetteu:	
«Subscrição e esmola	3\$500
Dos associados João Bernardo da Costa e José Lino Vergueiro	1\$000
Esmolas colhidas na igreja de Avidagos nos dias santificados	1\$280
«Esmolas como obra do jubileu»	2\$340
D. Maria Roza do Amaral Ferreira	7\$000
D. Anna Victoria de Souza Basto	5\$000
Pedro Lopes Guimarães	1\$080
Gaspar Ribeiro Gomes de Abreu	3\$460
Dr. Padre Joaquim Fernandes da Silva Ribeiro	4\$500
João Luiz de Araujo Gomes ..	5\$120
Custodio José de Freitas	4\$500
Padre Francisco José Cardoso, Reitor de S. Jorge	4\$800
Padre Francisco José Vieira, Vigario de S. Pedro de Azurei	4\$100
Abbade Francisco da Ave-Maria Queiroz de Souzaella ...	9\$000
José Ferreira d'Abreu	5\$000
Antonio José da Silva Ferreira	3\$960
Manoel Luiz Carreira	4\$900
Anna Joaquina d'Araujo Salgado, de S. Martinho de Cansoso	11\$880
Anna Roza Cardoso	5\$750
Padre João Xavier Machado, Abbade de S. Cypriano de Taboadello	5\$000
Francisco Martins Fernandes .	6\$240
José Pinheiro Caldas, de Pentieiros	4\$800
Padre José Alves da Cunha ..	12\$500
Padre Francisco Xavier de Souza Carneiro	5\$000
Padre João Teixeira Rodrigues de Carvalho, de Bastos ...	4\$500
Manoel Joaquim Fructuoso de S. Thomé de Negrellos	4\$800
José Joaquim da Silva Guimarães	5\$500
Manoel Maria Fructuoso	4\$800
Padre Luiz Queiroz Borges e Vasconcellos, de Mesãozinho.	5500
Padre Joaquim Ferreira de Freitas, Prior de S. Paio ..	8\$640
Diacono Joaquim Marques Ferreira, ainda estudante no seminario de Leiria	6\$340
Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima	4\$000
D. Christina Martins	8\$810
José Clemente Jacome	4\$000
Padre Francisco Rodrigues Lageira	5\$000
D. Candida Lima	15\$500
Jeronymo de S. Carlos Fernandes da Silva Ribeiro ..	3\$420
D. Custodia Margarida Peixoto Chaves	4\$800

Padre Abilio Augusto de Passos	5\$000
Domingos Antonio Carvalhaes	3\$000
Josefa Maria	5\$100
D. Guilhermina Berrance	3\$500
D. Felicidade Rosa de Souza Dias	4\$560
Padre Manoel Duarte de Macedo	1\$500
Padre João Lopes Pimenta ..	5\$520
Padre Antonio Joaquim Rodrigues de Carvalho, de Mondim	3\$600
Padre Januario Luiz Pereira da Silva	5\$400
Antonio Mendes Leite	7\$600
Esmolas de diversos associados durante o anno	16\$395
	426\$370

Guimarães 17 de Dezembro de 1881.
Padre Antonio Joaquim Teixeira,
Chefe collector.

Secção Scientifica

O HOMEM PREHISTORICO
(Continuação)

Esperemos, pois, por essas provas convincentes da existencia do homem terciario; e enquanto certos sabios barafustam e se dão a perros por não poderem convencer desde já a maioria dos seus collegas, nós, para não ficarmos boquiaberto no meio d'esta disputa, vejamos o que ha de positivo acerca do homem nos tempos quaternarios.

Antes porem de fallar do homem digamos alguma coisa do meio em que viveu; tarefa que não é facil, pois, como diz Nadaillac, na la mais escuro na sciencia do que a epoca quaternaria, na la mais arduo do que o estudo dos phenomenos que esta epoca abraça.

Mas para nos tirarmos do embaraço o melhor é confiar a descripção, posto que resumida, a um sabio para quem a sciencia nunca teve segredos nem difficuldades. «O fim do periodo terciario foi assignalado por un phenomeno notavel, diz Broca, cuja causa ainda não é bem conhecida.» O hemispherio boreal tinha-se resfriado lentamente; immensas calottes de gelo, descendo pelos flancos das montanhas e alastrando-se pelos valles e planicies, cobriram uma grande parte da Europa, da Asia e da America septentrional. e a temperatura da nossa zona, torrida até então, pouco a pouco se tornou glacial...; foi esta a ultima phase da epoca terciaria.

A temperatura, subindo gradualmen-

te, produziu a pouco e pouco a fusão dos gelos e começou a epocha quaternaria. As geleiras, immensos montões de neve endurecida pelo tempo e accumulada durante milliares de seculos, derretendo-se foram a origem de gigantescas correntes, que, arrastando os terrenos das montanhas, inundando as planicies, revolvendo o solo e cavando os valles, deixaram na sua passagem grandes depositos de areia, de argilla e de calhaus (terrenos de transporte ou alluviões).

D'esta epocha, chamada diluviana, datam os rios actuaes, que apenas nos dão uma fraca ideia do que foram outr'ora...

Este poder extraordinario das correntes foi sobretudo notavel nos primeiros tempos da epocha quaternaria, diminuindo em seguida paulatinamente; só porem quando as geleiras se reduziram ao ponto em que hoje as vemos, quando a temperatura se tornou quasi igual á de nossos dias, foi só então que cessaram os phenomenos das grandes cheias e a epocha quaternaria terminou.

Seja assim ou não, o que mais nos interessa é saber desde quando a terra começou a ser habitada pelo homem.

Ora hoje é ponto assente para a maior parte dos sabios que a especie humana existe desde os primeiros tempos ou baixos niveis da epocha quaternaria; que foi testemunha d'uma das grandes correntes diluvianas, principal origem dos terrenos de transporte; que foi contemporanea do mammoth (*elephas primigenius*) e do urso das cavernas (*ursus spelaeus*), animaes extinctos; que, n'uma palavra, presenciou os variadissimos phenomenos que revolucionaram a face da terra durante toda uma idade geologica—a epocha quaternaria. (1)

Foi nos terrenos de transporte ou alluviões e nas cavernas ou grutas das montanhas que se encontraram immensos vestigios do homem quaternario—instrumentos, armas e utensilios de sílex, diferentes partes do esqueleto humano e até esqueletos inteiros associa-

(1) O abbade Moigno consagra uma grande parte do segundo volume da sua obra monumental *Les splendeurs de la foi* ao estudo d'esta questão; e com aquella prodigiosa crudição que lhe é peculiar oppoe-se terminantemente a estas conclusões.

Na impossibilidade de seguir passo a passo aquelle verdadeiro sabio, porque seria preciso escrever um volume, e ao mesmo tempo não podendo negar a força comprovativa dos inmensos argumentos a favor da existencia do homem quaternario, nada mais posso fazer do que aconselhar a leitura d'aquella preciosissima obra e no campo contrario a do Marquez de Nadaillac *Les premiers hommes et les temps prehistoriques* onde se encontrará um immenso arsenal de provas pró e contra. A cada um formar depois o seu juizo.

dos a ossadas de animaes extinctos ou emigrados.

A esta epocha geologica corresponde a epocha palcolithica ou da pedra lascada dos archeolos, as duas epochas do mammoth e do renno ou rangifer dos paleontologistas e as tres raças humanas fosseis dos anthropologistas,—a raça de Canstadt, a raça de Cro-Magnon e a raça ou raças de Furfooz.

A primeira d'estas raças (e a mais antiga das raças humanas fosseis) é assim chamada do nome da povoação (1) perto da qual foi encontrado o primeiro fossil humano.

Pertencem a este typo o celebre craneo de Neanderthal, descoberto em uma caverna nos arredores de Dusseldorf, a maxilla da Naulette (Belgica) o craneo de Eguisheim (Alsacia) e talvez o de Forbes Quarry (Gibraltar) etc.

A segunda tem o nome da caverna (2) onde foram exhumadas varias ossadas humanas.

Os craneos de Solutré (França) de Engis (Belgica) as ossadas das alluviões medias de Grenelle (França) e das grutas de Menton (Italia) etc. pertencem á raça de Cro-Magnon.

São muito notaveis as excavações feitas sob a direcção de Dupont na gruta do Frontal, nas margens do rio Lesse, cerca de Furfooz, onde encontrou numerosos fosseis humanos.

Na denominação de—raças de Furfooz—estão comprehendidas duas raças d'esta localidade, a raça de Grenelle (alluviões superiores) e a raça da Truchere (França).

As raças de Canstadt e de Cro-Magnon têm os craneos dolicocephalos e as raças de Furfooz mais ou menos brachicephalos. (3)

Alguns sabios são de opinião que a gruta do Frontal e as outras localidades contemporaneas já não pertencem á epocha quaternaria mas sim á epocha da pedra polida ou neolithica, que principia com os terrenos de alluviões modernas, ou terrenos de formação posterior á epocha quaternaria.

As povoações lacustres da Suissa (palafittes) os fragmentos culinarios ou restos de cosinha da Dinamarca (kjökkenmöddings) as *terramara* de Italia, os dolmens e todos os monumentos megalithicos, são hoje geralmente consi-

(1) Canstadt fica nas proximidades de Stuttgart, capital do Wurtemberg.

(2) A caverna de Cro-Magnon demora nas vizinhanças da aldeia de Fyzies, no valle do Vezere em França.

(3) Chamam-se craneos dolicocephalos aquelles cujo diametro antero-posterior é maior do que o diametro transversal, e craneos brachicephalos aquelles que pelo contrario têm os dois diametros aproximadamente iguaes, como por exemplo os dos chinezes.

derados como datando igualmente da epocha neolithica.

Sem estas noções nós não poderíamos dar um passo e d'ahi a nossa desculpa em *arrotar tanta sciencia*, que afinal de contas não vale dez reis de mel coado (não a sciencia, entenda-se, mas o arrote).

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

CORRESPONDENCIA

ENTRE OS SNRS.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E

THOMAZ RIBEIRO

Temos diante dos olhos duas cartas a respeito de dedicatória da *Delphina do Mal*, obra do snr. Thomaz Ribeiro a seu irmão, snr. padre Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque, apostata da religião catholica.

Aquellas duas cartas são do punho de dois escriptores distinctos na nossa litteratura, os snrs. Camillo Castello Branco, e Thomaz Ribeiro, actual ministro do reino, e visam a justificar e até a glorificar a apostasia do snr. padre Henrique.

Nós não tomaríamos a pena em oppugnação a tão eminentes litteratos com medo de ficarmos esmagados debaixo do pezo de tão ousado commettimento, se não estivessemos acostumados a não dobrar o joelho diante de qualquer divindade terrestre, seja qual for o numero, sob que a invoquem. Na eschola a que pertencemos, ensina-se a fitar o sol logo á nascença; não receiamos portanto de ficar offuscados com o desmesurado brilho de seus raios.

Temeridade—dirão uns; protervia, atrevimento—bradarão os nossos epistolantes ao ouvirem o importuno zumbido do vil insecto. Das cumiadas do Pelion e do Olympo fusilarão listões de chammas para derrubar o novo Titan, que ousa escalar o ceo.

Socegum uns e outros; não pretendemos terçar lanças nas justas da erudição e do ritmo.

Vimos com a serenidade, que dá a consciencia da justiça da causa, e não com a temeridade, que dá a presumpção das proprias forças. Esta deixamola aos illustres epistolantes.

Sendo, como é, o espirito das duas cartas um e o mesmo, podemos sem inconveniente reunil-as em uma só refutação.

E eis-nos a braços com dois Goliaths façanhudos, allisonantes, todos fibra, nervos e sangue. Representam as forças da natureza em um posto luxuriante. De viscira abatida provocam as fleiras dos soldados do dogma e da moral austera da Cruz, confiados nos pujantes follegos de seus dilatados pulmões. Nas letras gigantes, também o são nos costumes, personificam a atrophia do ascendente d'alma para as regiões do eterno, symbolisam o elemento grosseiro e trivial da porção mais pecca do homem.

O seu credo pode resumir-se em trez palavras: a deificação da Natureza; e o seu culto no phallus, levado em procissão, por emquanto encoberto por causa do escandalo.

O espirito da carta—prelecção do snr. Camillo é este. O da do snr. Thomaz Ribeiro é mais amaneirado, approxima-se mais da orthodoxia dos *bellos* espiritos.

Cada epistolante lançou ao papel des-cuidosamente os seus sentimentos de sorte a podermol-os apreciar sem receio de sermos enganados.

Qualquer d'elles tem fraquezas devidas não á sua indole, mas á sociedade, que os embalou, os applaudiu, e a erros da mocidade, de que ainda se não redemiram.

Ao snr. Thomaz Ribeiro fez-lhe muito mal a India, porque bebeu lá a sorvos largos o pantheismo naturalista que lhe tem aquecido a pena.

Aquellas palmeiras elegantes, donairosas, aquellas mangueiras copadas, as nereides sahidas dos passos de Amphitrite em descantes do mandó lubrico, aquellas sylphides aereas do palacio do governo, entonteceram-no.

O seu coração até ali muscular passou a ser de cera; o mais ligeiro augmento na temperatura derrete-o. Na alternativa de pertencer a Sybaris ou a Sparta, preferiria ser cidadão da primeira. O seu lyrismo derrama-se sobre tudo o que toca em caudales de poesia; porque o snr. Thomaz Ribeiro é capaz de poetisar, o que haja de mais prosaico, é até capaz de poetisar o crime. Percebem-se-lhe porém as formas através da neblina, em que pretende envolver-se.

Justificar a apostasia de um padre, que renegara para casar, não era empenho vulgar; para uma semelhante tarefa requeria-se hombridade. Não recuou. Qual Phaetonte empunha as re-deas do carro do sol, e abraza tudo, tudo afogueia para provar que o apostata, seu irmão é justo, bom, leal e honrado.

Foi desastradamente infeliz no pensamento de relembrar o que estava esquecido, de querer galvanisar o que está ferrugento. O snr. Thomaz Ribeiro commetteu este erro imperdoavel, e com-

metteu outro na maneira porque se dirigiu no seu mister de advogado.

Para advogar uma causa e causa perdida, não serve engatinhar pelos padres mal procedidos, e que não confessam que o são; nem insinuar o desprestigio de uma classe inteira desde o simples tonsurado até ao supremo hierarcha; não serve desrespeitar as leis do reino; nem arremetter contra a Igreja, porque expulsa do seu seio o perjuro, o rebelde a seus preceitos; precisam-se razões mais convincentes. Ao sentimento da Igreja e do povo portuguez quiz o snr. Thomaz Ribeiro substituir o seu, como criterium de moralidade; e n'isto foi presumptoso. Esta presumpção, que compartilha com o seu amigo epistolante o snr. Camillo foi uma suggestão da vaidade de duumviros. Exercendo a dictadura nas letras, convenceram-se de que por ficção de direito, ou por latitude de poder, não era demais mettem-se em assumptos de moral e fé. Não são originaes na usurpação; attaques como este são triviaes; no entanto commovem a opinião, e fazem repicar em tom de festa o carrilhão da impiedade.

O empenho do snr. Thomaz Ribeiro limitava-se a justificar a apostasia de seu irmão, o que não conseguiu, nem conseguirá, em quanto o naturalismo não vingar sobre o catholicismo; o snr. Camillo foi mais longe, desembuçou-se com sua auctoridade de mestre, rompeu de frente com a modestia titubante do escholar para enaltecer o padre renegado ao fastigio da glorificação.

Decretou-lhe a apotheose n'um impeto de enthusiasmos romântico. E' pena, que em um sentimento tão vivo, tão energico, tão espontaneo, em semelhantes assumptos, nos revele talvez o egoismo disfarçado do sr. Camillo, que, glorificando os actos altamente condemnados dos outros, quer glorificar os seus.

Porque o sr. Camillo soffre de doenças, que os annos não tem podido curar; soffre mesmo ataques epilepticos ao ouvir pronunciar a palavra escandalo que elle «quizera banir do dictionario.» Elle lá tem as suas razões.

Demais as considerações, que podiam conter o ministro do reino, as conveniencias de posição, desappareciam completamente para o sr. Camillo, que sem reboço podia alijar-se dos conselhos, que na sua carta dá ao com-epistolante. «Assim não podes. Estorvam-te os precalços, a que a posição obriga. Os teus bons creditos dependem muito do cura da tua freguezia e... talvez do Nuncio, e até me quer parecer que não serás sempre estranho ao Papa».

Homens, que escrevem estas linhas, ousam fallar em tartufos e hypocritas! Elle, o illustre pedagogo, acentua um pouco acima: «Ali (no coronal da grande sociedade) é necessario ser-se tão

esperto e acutelado em dizer verdades como mentiras.»

Todos estes epistolantes e outros que andam são assim. Descubrem-se, quando menos o cuidam, cahem a cada passo na inconsequencia, e mesmo em contradicção, porque é preciso notar, que aquellas expressões tem um duplicado valor. Além do sentido, que manifestam, cahem a matar na defeza, a que se ligam. O sr. Thomaz Ribeiro faz recahir toda a importancia da defeza na parte escolhida pelo sr. padre Henrique, na alternativa em que se achava: ou a vida corrupta á sombra da hypocrisia, ou salvar a honra pela sinceridade e franqueza.

Louva-o por optar por esta ultima resolução. Este sentimento é compartilhado pelo sr. Camillo quando diz: «E depois teu irmão... como despi-se a alba... n'um lance nobilissimo de paixão e honra!» Ora entendam-no; o sr. padre Henrique louva a franqueza para evitar a pecha de hypocrisia; e ao sr. Thomaz Ribeiro recommenda-lhe esta, como salvaguarda da sua posição de ministro, e dos seus bons creditos, como politico.

Elles até na perquirição das causas psychologicas, que motivaram a deserção do padre não estão de accordo. Um quer vel-as na definição dos dogmas novos da fé romana; outro nega, porque entende que todo aquelle que acceita uns, não tem razão para regeitar os outros.

No que porém elles se accordam é em reconhecer a chaga do coração, a seducção da imagem da mulher, exercida no padre, «que sentia adherirem-se as febres intoxicadas ás carnes convulsionadas.» O estado pathologico do coração do infeliz sacerdote, esse sim está fora de toda a duvida; e para naturalistas tão fanaticos como os srs. Thomaz Ribeiro e Camillo C. Branco uma tal causa explica tudo, sem ser necessario recorrer aos alcantis da psychologia, ou socorrer-se da doutrina do divino Jesus, que o sr. Camillo desconhece ou finge não conhecer.

Vamos deixal-os. Pontifices do auto-lheismo, nada tem a esperar, nem querem, da vida futura. «Olha tu meu filho: mulher sem fim, musicas angelicas sem fim, contemplações de divindades sem fim, n'um mundo infinito! Credo! que massada!» perora o sr. Camillo na sua carta.

Homens que não se arreceiam dos castigos eternos, nem pretendem premios também eternos, não podem ter um mesmo criterio de virtude comnosco, temos tudo a desconfiar d'elles. Esta debil resposta firmada por mão igualmente debil só teve em vista apontar aos incautos os manejos perigosos d'estes coripheus da litteratura impia, que

misturam, quando lhes faz conta, um principio saudavel por entre dezenas d'elles perniciosos.

Envolvidos nas lentejoulas de um estylo brilhante e trabalhado escondem nas pregas da capa de theoricos o punhal, com que pretendem ferir-nos. Não espercis d'elles ataques directos; não são ladrões de estrada, que vos pegam a bolsa e o dinheiro, são antes como os cavalheiros de industria, que vos empalmarão a consciencia em um jogo admiravel de mãos, depois de vos seduzirem com as apparencias de homens honestos.

PADRE VAZ.

Secção Litteraria

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO IX

(Continuação)

No dia seguinte, Victor deixou sua villa e foi caminho de Roma: ao chegar tomou a direcção do campo de Marte, eram já horas dos jogos, e ali encontrou os dous amigos, Publio e Fabio, que anlavam passear-lo. Dirigiu-se a elles e cumprimentou-os alternadamente; Publio, porém, interrompeu-o dizendo:

—Não sabes a novidade?

—Que novidade? Chego agora mesmo da minha villa, onde já estou ha algumas dias, e ignoro o que se passa em Roma.

—Cousa de pouca monta! Corre que Flavia Domicilla fôra preza por christã.

Um vislumbre de espanto parpassou pela fronte de Victor. Mas dominando sua commoção, disse sem trepilar:

—Davi lo, que Domiciano se atreva a condemnar a morte: Flavia Domicilla é sua parente e de certo a respeitará; mesmo porque deve recordar-se de Tito, seu irmão, que tinha intima amizade com a familia da accusada.

—Triste recommendação! disse Fabio a meia voz. Pois tu não sabes que Domiciano foi quem mandou assassinar o irmão para apoderar-se do imperio? E' muito até para recear, que as relações d'intima amizade, que uniam Tito com a familia de Domicilla, sirvam, pelo contrario, de mais um aggravado aos olhos de Domiciano.

—Decididamente, disse Victor, nosso

divino imperador tem gostos bem exquiritos: *entretém-se* em caçar moscas, traspassando-as com a ponta da sua almaraia, e torna alegres seus festins exhibido atáules, em que manda immediatamente metter os convivas. Exoticos divertimentos! Singulares caprichos! Não ha duvida!

—Se ainda ao menos o fizesse só nos christãos, vá, disse Publio Lucio, Roma lhe agradecerá por alimpal-a d'esta seita execravel; mas tambem...

Victor o interrompeu dizendo:

—Mas sabe-se com certeza, que Domicilla é christã?

—Não resta a menor duvida. Surprehenderam-na n'uma reunião de christãos, n'uma d'essas cavernas subterraneas, onde elles se escondem á guisa de foras; e denunciou-a um delator encarregado de espiar-lhe os passos. Além d'isso, não se tendo podido conseguir que offerecesse incenso aos deuses, Domiciano a enviou com seus escravos, igualmente cúmplices, a Tarragona, para onde foram expedidas ordens ao consul Minucio Rufo, a fim de empregar os meios mais violentos, para que ella preste adoração aos nossos deuses, e aceite por esposo a Aureliano, a quem repelliu, quando já lh'a haviam promettido, intervindo n'isso o proprio imperador.

—Infamia sobre infamia! gritou Victor indignado. Pois nós teremos de viver sempre á mercê d'esta raça detestavel, que não cuida senão da espiagem e da delação?

—Não falles tão alto, Victor, disse um quarto personagem, que se incorporou ao grupo: era Paulo Silano. Queixas-te dos delatores e tens muita razão; mas falla baixo, que talvez agora mesmo nos estejam escutando lo.

—Fujamos d'aqui, disse Fabio empallidecendo.

A' proporção, que se iam ausentando, Silano contou a seus amigos, que no dia anterior Vivio Prisco teve que sugar-se ao supplicio de, depois de rôtas as veias por ordem de Domiciano, morrer escoa-lo de sangue, só porque n'uma reunião o metters a ridiculo.

—Os deuses nos defendam! exclamou Publio erguendo as mãos.

—Por Jupiter! disse Victor, depois de um curto intervallo. Se isto assim continúa, ainda temos de sentir a falta de Caligula.

Os quatro romanos chegaram por fim ás thermas, e mudando de conversa penetraram no edificio.

Ainda não estavam alli ha muito tempo fallando sobre outros assumptos, quando perceberam no portico uma agitação desusada. De repente apparece grande multidão de lictores e proclamou-se o imperador.

Effectivamente, era elle, que se ap-

proximava seguido dos seus libertos e escravos.

Domiciano contava cerca de quarenta annos. Era alto e de nobre aspecto. Suas feições, segundo affirmavam os que o haviam conhecido joven, tinham perdido aquella graça e sympathia, que tantas esperanças conseguiram inspirar aos romanos. Esperanças, que se mallograram ante a triste evidencia do luro despotismo e refinada crueldade, de que em breve deu repetidas provas.

O uso immoderado dos prazeres havia já avinca-lo aquella physionomia, tornando-a feroz e repulsiva. Sua cabeça, prematuramente calva—o que deu origem a chamarem-no *Calvus Nero*,—denunciava as desordens e desregramentos da sua vida. Domiciano tinha effectivamente muitos vicios, que faziam lembrar Nero. Como elle amava os prazeres mais sensuaes, os enredos amorosos e as torpes aventuras de esquinas e encruzilhadas; como elle procurava sempre espectaculos jograes e sangrentos. Já dissemos, que lhe imputavam o crime de mandar assassinar seu irmão Tito, e a historia não o justificou de tão grave e affrontosa imputação. A sua avareza corria parelhas com a sua crueldade; quando condemnava alguém á morte, tinha sempre cuida-lo de primeiro fazer-se instituir por seu unico herdeiro; matava para enriquecer-se.

Domiciano continuava com exito a serie de suas façanhas, ou melhor, rematadas infamias, que havia já meio seculo dizimavam e devastavam Roma e o imperio. Na verdade, os christãos eram o principal objecto de tanta crueldade. Elles offereciam uma presa muito numerosa e facil de apanhar, para que aquella besta feroz deixasse de perseguir-os de tempos a tempos.

A epocha, em que se realizam os acontecimentos que vamos referindo, deixa numerosissimas provas da horriavel crueldade de Domiciano.

Depois d'entrar na primeira sala, onde se achava reunida quasi toda a nobreza romana, Domiciano recebeu de quasi toda ella as mais manifestas provas da mais ignobil bajulação. Os romanos d'então eram bajuladores por medo.

Victor, porém, foi um dos poucos, que não fez caso do imperador.

Attentou n'isto Domiciano e não pode lissimular sua raiva; Victor, porém, encarou ousado o tyranno, apezar de conhecer muito bem, que a fera coroa-la havia reflectido n'elle, e adivinhar qual o seu modo de pensar.

Domiciano dirigiu-se ao portico, e alli se demorou um pouco, rodeado de seus libertos e bajuladores; nobres, cavalheiros, senhores de todas as ordens e hierarchias, todos enfim se acercaram

d'elle. Victor, porém, permaneceu imóvel: encostado a uma columna e respondendo a seus amigos, embora prestasse pouca ou quasi nenhuma attenção á sua conversa, via tudo o que Domiciano fazia, conservando sempre a mesma impassibilidade; suas vistas, que indicavam indifferença, cruzavam-se com as do imperador, que rovelavam despeito.

Por fim, Domiciano resolveu retirar-se. Approximaram-lhe a liteira, e ao subir para ella, inclinando-se para seu liberto favorito, disse-lhe em voz baixa:

—Ainda não; espera um pouco.

Victor, que havia perscrutado todas as acções de Domiciano, percebeu que se fallava d'elle, e portanto assentou comsigo dispor-se a tudo.

(Continúa).

Secção Bibliographica

I

Urgente necessidade de uma cruzada para la liberacion del Sumo Pontifice, por D. José Maria Curullo, Abogado del ilustre Colegio de Madrid y Director de «La Civilizacion»—Madrid, 1881—1 vol. de 246 paginas. Preço 8 reales.

Um livro que se apresenta sob um titulo tão sympathico, e escripto pelo denodado campeão da causa catholica no visinho reino, o director do notabilissimo periodico «La Civilizacion», não carece, a nosso parecer, do que o «Progreso Catholico» o recommende. Mencionado o titulo, e escripto o nome do auctor estava feita a melhor recommendação.

Todos os catholicos reconhecem que falta a liberdade ao Santo Pontifice, que na terra preside aos destinos da Igreja, e que é uma necessidade despedaçar as algemas com que a Revolução o tem manietado. Mas como? Eis a pergunta que de todos os recantos da terra se escuta.

Mas como? Leia-se o livro em questão, e lendo-se, meditando-se, aprenderá cada um a cumprir o seu dever, e o Papa será livre, e dias felizes raiairão para a Igreja de Jesus Christo. E' para que serve o livro—*Urgente necesidad de una cruzada para la liberacion del Sumo Pontifice*, é esta a impressão que nos deixou a sua leitura. Leiam-se as necessidades da Igreja, meditem-se os meios de as remediar, e ellas desaparecerão.

Agradecendo ao valente athleta da cruz o snr. D. José Maria Carulo, a offer-

ta do seu importantissimo livro, fazemos ardentes votos porque seja bem lido, e para isso o recommendamos com todas as véras do nosso coração de catholico, com toda a vontade de um soldado de Jesus. E por esta occasião enviamos nossos emboras ao auctor do livro pelos relevantes serviços que continuamente está prestando á Igreja com as obras de grande vulto que vae editando, e não só por essas, como pelo arrojado com que redige a notavel revista catholica «La Civilizacion».

II

Historia da Philosophia, por D. Jayme Balmes, traducção de José Simões Dias, professor de litteratura no Lyceu nacional de Vizeu.—Porto—Ernesto Chardron, editor—1881. 1 vol. de 203 paginas, 400 réis.

Balmes, foi o escriptor catholico de genio mais fecundo que teve a Hespanha moderna. As suas numerosas obras, traduzidas em varias linguas e as varias edições que na original se tem feito reclame são, e assaz grandioso para nos dispensar de amplas considerações.

O sabio polemista, o Nicolás d'aquem dos Pyreneus, trata o philosophismo desde o seu principio até aos nossos dias, e applicando-lhe a logica intransigente do espirito christão, desfaz as nebulosidades da philosophia atheista, esmagando fortemente a cabeça da hydra que pretende erguer-se em meio da pleiade gigante dos defensores das verdades catholicas.

Leia-se a *Historia da Philosophia* e ter-se-ha lido um livro que satisfaz todo o espirito verdadeiramente crente. Ao editor agradecemos a offerta, e aos leitores recommendamos o livro.

III

Diccionario de Geographia universal, por uma sociedade de homens de sciencia, etc., etc., etc. Lisboa—2.º volume.

Está concluido o 2.º volume d'esta obra monumental, no seu genero a mais importante que se haja feito em Portugal.

Termina com a letra L, e com a palavra LYTHE e constituem-no 1174 paginas in-folio, a 2 columnas, bom papel e excellente typo.

Se havia lacuna que mais urgisse preencher, era sem duvida a que se notava em Portugal de um bom *Diccionario de Geographia Universal*. O editor, o snr. David Corazzi, emprehendendo uma tal publicação fez um bom serviço ás patrias letras, merecendo por isso alcançar um bom resultado.

E' o que lhe desejamos ao mesmo tempo que agradecemos os fasciculos que temos recebido.

IV

Theologia Moral, por Pedro Scavini, versão do padre José d'Almeida e Silva.

Temos presente o fasciculo 28 d'esta publicação, que chega a paginas 464 do 3.º volume. Ultimamente nota-se uma certa regularidade na distribuição dos fasciculos, que nos prova que em breve teremos concluida uma obra de tanto merecimento para a classe sacerdotal, que toda se devera preparar com a sua acquisição.

Os 2 vol. publicados custam 1\$800 réis cada um, e os seguintes serão cotados a razão de 140 réis cada fasciculo, ficando d'esta arte por menos alguma cousa do que avulso; mas para isso é necessario que as assignaturas sejam feitas antes de terminar o 3.º volume.

Por esta occasião lembramos aos senhores assignantes que recebem por via da livraria Teixeira de Freitas, a conveniencia de, concluido o 3.º volume, receberem o 4.º e 5.º depois de concluido cada um, para evitar descaminhos, faltas de folhas, etc., etc., que continuamente se estão dando. Aquelles senhores que concordarem com esta nossa idéa pedimos o favor de nolo communicar com a maxima brevidade, para serem dadas as providencias necessarias.

V

Archivo dos Açores—Publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.—Volume terceiro, n.º XIII—Ponta Delgada—1881.

Agradecemos a este nosso esclarecido collega o annuir ao pedido por nós feito da troca com o «Progreso Catholico», e agradecemos-lhe porque o «Archivo dos Açores» é das poucas publicações que no nosso paiz se fazem dignas de mencionar-se. Sacudir o pó a carcomidos documentos e apresental-os á luz da publicidade, é um dos serviços mais dignos de recompensa, uma das obras que mais convem galardoar.

O *Archivo dos Açores* publica-se em folhetos de 80 a 100 paginas, sempre no formato actual.

Com seis numeros se formará um volume.

O preço de cada numero é de 240 réis nos Açores e 200 réis no continente.

Para o estrangeiro varia conforme o cambio da moeda.

A assignatura deve ser de seis numeros, um volume pelo menos.

Assigna-se nas principaes livrarias.

VI

Almanach Catholico-legitimista para 1882, (2.º depois do bissexto)—Sexto anno de publicação—Lisboa, na typographia do jornal «A Nação».

Temos ante nós este bello Almanach, que se destaca do entre todos os que por ahí abundam por ser, além de tudo o mais que o torna recommendavel, catholico apostolico romano.

Dito isto, temos feito o elogio do livro, não nos faltando mais que recommendal-o a todos os nossos leitores, o que fazemos da melhor vontade.

VII

Boletim de Bibliographia portugueza e revista dos archivos nacionaes. Directores J. A. da Graça Barreto e A. Fernandes Thomaz.—Louzã.

Fomos obsequiados com os n.ºs 3 e 4 d'esta importante publicação, que apreciamos tanto quanto agradecemos aos illustrados redactores.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

S. Em.ª Monsenhor Nuncio Apostolico em Lisboa, recebeu de Roma, datado do dia 8 do corrente, o seguinte telegramma:

«Roma 8 de dezembro de 1881.

Monsenhor Nuncio Apostolico—Lisboa.

A solemne Canonisação dos Quatro Beatos saiu ordenada o admiravel. A procissão foi numerosa, promulgou-se o Decreto solemne. O santo Padre celebrou Missa com todo o rito dos Pontifices, e depois do Evangelho fez uma Homilia esplendida em que commemorou a festividade jubilosa da Immaculada Conceição e lastimou a tristeza d'estes tempos, que offuscando o brilho d'esta solemniaidade impedia a sua celebração na Basilica do Vaticano. Exaltou as virtudes dos novos Santos, e invocou a sua intercessão a favor da Igreja, e o Patrocinio de Maria Immaculada.

Cardeal Jacobini.»

São do snr. de Bismark as seguintes palavras, pronunciadas em pleno Reichstag:

«E' minha vontade acrescentar á receita do Estado o bastante para ter um representante diplomatico junto do Vaticano, cargo que se supprimiu em virtude de um desacordo que sobreveio. Obrando assim não sou impellido por outra cousa mais que os interesses do imperio. Alguns Estados allemães, como a Baviera, teem ainda o seu representante junto do Papa. Creio a cousa util e até quizera, se o interesse geral m'o demonstrasse, um representante especial junto do Pontifice. Isto dito, não careço de fallar sobre as negociações outaboladas com a Curia romana.»

Não nos esqueçamos das palavras que no mesmo local o acerca do mesmo assumpto pronunciára Bismark em 1874. Ell-as:

«Em nome de S. M. o Imperador e em consequencia de uma resolução do conselho federal, o chanceller do imperio tem a honra de comunicar ao Reichstag, que do orçamento especial do ministerio dos estrangeiros se retira a somma ahí mencionada de 53:100 marcos para a embaixada junto da Sé pontificia. Bismark.»

Quer-nos parecer que n'estes momentos não condecorava a Mancini o imperador Guilherme!

—Isto é o que se passa entre Roma e a Allemanha. Vejamos agora o que se passa com a Russia:

Diz *L'Unitá Cattolica*: As negociações do Vaticano com a Russia continuam pendentes ainda; mas crescem as probabilidades de que terão um exito feliz. Assegura-se que o snr. de Massalov sahira com direcção a S. Petersburgo, levando os preliminares do accordo ente a Santa Sé e o governo russo. O snr. Bontenieff, plenipotenciario tambem russo, espera em Roma as ordens do seu governo, para as assignar.

Corre tambem que foram designados os prelados para as sés vagas na Polonia, e que será enviado como embaixador extraordinario, monsenhor Rampolla del Tindaro, secretario da Sagrada Congregação dos assumptos ecclesiasticos extraordinarios, que tomára parte muito activa nas negociações com a Russia.

—Em Vienna acaba de constituir-se um partido catholico parlamentar, que se chamará do Centro. Compõe-se dos deputados catholicos do Tirol, Vorarlberg, Salsburgo, Sliria e Alta e Baixa Austria. E' presidido pelo principe Alfredo de Liechtenstein, e é vice-presidente Leimbacher, conselheiro aulico, um dos magistrados mais respeitaveis da monarchia.

—Se olharmos para a Inglaterra não são menos importantes as noticias, em relação ao catholicismo:

A rainha Victoria ordenou que os cardeaes inglezes Manning e Newman, sejam convidados, por direito, a todas as recepções reaes. Vae-se extinguindo o odio, diz um collega estrangeiro, que em 1850 moveu os inglezes a queimar a effigie do Papa, e a perseguir o em.º cardeal Wiseman.

Deus vae preparando as cousas para o triumpho da Igreja!

Foram importantes as festas que em todo o reino de Portugal se fizeram á Immaculada Conceição da Santissima Virgem. Em Lisboa e Porto foram como costumam sel-o todas as festas religiosas nas duas primeiras cidades da monarchia. Em Coimbra nada deixaram a desejar. Em Braga não desmentiram do que é aquelle povo, verdadeiramente catholico, havendo além das festas religiosas nos templos, academia nas salas da Associação Catholica, presidida por S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo Primaz. Fallaram entre outros notaveis oradores os Rev.ªs dr. Santos Monteiro, Martins Capella, que já se esqueceu do *Progresso Catholico*, e João Baptista Ribeiro Coelho. Deus queira que os illustrados conferentes não façam este anno, como fizeram o anno passado, tocar a rebate nos arraiaes liberaes.

Em Elvas não foi menos pomposa a festa em honra da Padroeira de Portugal, sendo orador o Rev.ª Desembargador Adolpho Caldeira.

Guimarães não ficou atraz das demais povoações do reino.

Onde mais imponentes se tornaram as festas do dia 8, foi em Santarem. Transcrevamos a seguinte noticia do nosso collega de Lisboa, *A Nação* para que se veja quão magestosas ellas foram, e o quanto se deve ao digno Reitor do Seminario Patriarchal:

«A Conceição Immaculada da Santissima Virgem foi festejada na igreja do Seminario de Santarem, com um brilhantismo e devoção, que nos diriam, quando outras noticias não tiveramos d'aquella casa, o zelo religioso que a ella preside.

No dia 7, ao anoitecer, cantaram-se vesperas e mantinas, acompanhadas a grande instrumental pelos seminaristas.

No dia 8, Missa de Pontifical pelo Ex.ª e Rev.ª sr. Arcebispo de Góá, tambem a grande instrumental, sendo nova a musica da Missa, e dirigida pelo rev.º sr. padre Rebello.

Quizeramos fallar em especial do sermão, mas não nol-o permittindo o pequeno espaço, de que podemos dispor,

diremos apenas que poderosamente contribuiu para a magnificencia, com que foi celebrada, n'aquelle templo a Conceição Immaculada, da Mãe de Deus.

E para que os alumnos podessem tomar parte nos festejos do dia, pelo modo que fosse mais agradável á Virgem Santissima, houve communhão geral, acto que, como todos os actos religiosos que se praticam n'aquella casa, foi edificante pela compostura e respeito com que os alumnos chegaram á sagrada mesa. A este acto assistiu o Sr. Arcebispo Primaz do Oriente com capa magna.

De tarde houve solemne *Te Deum* tambem a grande instrumental.

O digno Reitor d'aquella casa, o nosso respeitavel amigo Monsenhor Manuel Xavier Pinto Homem, assistiu a todos aquelles actos, e por bem pago se daria de certo sua ex.^a do trabalho e incançavel zelo que tem empregado na direcção do Seminario Patriarchal de Santarem, vendo os resultados que d'elles tem colhido. Nós, amigos de sua ex.^a, e, como catholicos, summamente interessados nas prosperidades do Seminario do Santarem, damos-lhe, e a todo o corpo docente d'aquella casa, cordaes parabens pelo modo como os alumnos se apresentam, dando-nos fundada esperança de que, em cada um d'elles, teremos um sacerdote que dará grande honra aos seus mestres, e grande proveito á Igreja.»

Ainda no passado numero demos noticia de um crime praticado no quartel de infantaria 2, e já hoje temos outro que narrar, succedido no mesmo quartel.

No dia 8, um soldado de infantaria 2, sendo reprehendido pelo snr. capitão Sergio de Souza, correu sobre elle de sabre em punho.

Que moralidade! Que disciplina! E mais acabou-se com a pena de morte, e já não ha os espectaculos horribes que acostumavam os povos a não temer a morte nem a dal-a aos outros!

No dia 9 cobriu-se do luto a cidade de Vienna, capital da Austria. O principal theatro era apinhado de espectadores quando se ouviu voz de fogo! Imagine-se o panico que uma tal noticia produziria! Os soccorros foram promptos, mas ainda assim, á hora dos ultimos telegrammas haviam-se tirado de entre as ruinas do theatro, que ardeu completamente, 1:200 cadaveres!

Receivam que houvessem mais mortos.

Nos theatros tem-se negado Deus. insultado o Papa, os ministros da Igreja.....

A *Opinião Liberal* de Nazareth (Bahia) referindo-se ao Rev.^{mo} Vigario da Lage, envenenado no vinho com que celebrava o santo sacrificio, diz:

«Victima do audaz e sacrilego attentado de que damos noticia no nosso numero passado, succumbiu no dia 17 do corrente (Outubro) o Revd. Conego Vigario da Nova Lage, Honorio José de Lemos.

«Cidadão importante e respeitavel, não só pelo seu character sacerdotal, como mesmo pelas distinctas qualidades que o exornavam, foi, sem duvida alguma, a morte do digno sacerdote uma perda assaz lamentavel.

«Era condecorado com o habito de Christo, Conego honorario, Vigario colado da freguezia de Nossa Senhora das Dôres da Nova Lage, tendo sido antes da de Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaribe, e foi deputado á assembléa provincial.»

Ha ainda sacerdotes catholicos que dizem não saber para que servem os jornaes catholicos, e que não tem tempo de os lêr! Para que elles sirvam, sabemos nós: servem para afastar dos espiritos as idéas que o *liberalismo* tem espalhado, e que levam certamente a ministrar veneno a um padre na occasião do santo sacrificio. Servem para crear bons cidadãos, bons parochianos, que tenham horror a scenas como a que descrevo a presente noticia. Não os propaguem, não os façam ser bom lidos, e depois esperem-lhe pela volta!

Um jornal allemão dá a seguinte noticia, a que achamos uma graça infinita:

«Reina aqui grande agitação em consequencia do singular boato de que o defunto imperador Alexandre II apparece todas as noites na cathedral de Kassan. Não se sabe quem propalou este boato, mas parece que foi inventado pela liga secreta. A multidão que se reúne todas as noites em frente da igreja esperando a appareção do czar defunto, é cada vez mais consideravel. O mais notavel é que não se tratou de impedir desde o principio essa agglomeração de gente, que poderia dar logar a desordens.»

Não havia de ser mau vêr o czar de novo em S. Petersburgo! E que faria

elle se lá viesse depois que se lhe escangalhou a carnagem?

De certo dava catanada de crear bicho aos nihilistas. Ou então vinha declarar, perante os tribunaes, que fôra elle o culpado dos crimes dos ditos.

Que ratões!

Deus e os homons! tudo se conspira contra as nossas colonias! Não admira, visto que os missionarios são ali mal tratados, e temos governos que os não querem lá nunca.

Vejamos o que foi por Macau no dia 14 de outubro passado:

«As noticias recebidas hontem de Macau dizem que se fez ali sentir um grande tufão no dia 14 de outubro, causando muitos estragos, principalmente no mar.

Na rua marginal abateu uma casa e no porto interior, além de mais de 40 juncos com avarias menores, foram feitas completamente pedaços de encontro á muralha marginal 68 embarecações, constantes da nota que incluo separada, e que representam uma tonelagem de 26,435 picos. Com estas embarecações perderam-se 3,700 picos de sal, muita lenha e grande numero de entenas, por isso que um *loumang* pequeno, dos pequenos, estava carregado de madeira. Das embarecações partidas junto á muralha marginal, salvaram-se todas as vidas, graças a ter tido logar a força da tempestade durante o dia.

No porto interior foram a pique quatro embarecações que haviam sido abandonadas pelas tripulações, com excepção d'uma em que se conservava o patrão que na occasião do naufragio foi salvo pelo vapor *Whit Cloud*, junto do qual se achava a embarecação sossobrada. Não se podem porém considerar em avaria total, por isso que foram arrastadas para terra e apenas carecem de reparos de menor importancia.

Fôra do porto, as informações que tenho colhido, são muito desoladoras.

A maior parte dos juncos de pesca não estavam aqui, e até esta data apenas tem recolhido quinze.

Quasi todos estes relatam que pescavam de conserva com outros na noite que precedeu o temporal, e que não os tornaram a ver.

A um pequeno ancoradouro da ilha do Grande Ladrão recolheram seis juncos de pesca que pelas 11 horas da noite de 14 do mez findo se viram por tal fórma empenhados com o SO, que apenas um escapou, tendo os restantes cinco sido completamente destruidos com perda de cincoenta e oito vidas.

O que se salvou tem por cabeça o china Shan Shio, que é digno da maior

consideração. Empregou todos os esforços para salvar os naufragos, conseguindo debaixo do temporal dar a salvação a quatorze que conduziu a Macau.

Tenho sido informado que de longe se tem visto muitas lanchas navegando em guindolas.

Felizmente não houve perda de vidas. Durante a tempestade fizeram-se muitos actos de heroismo para salvar os tripulantes das embarcações que iam quebrar-se contra as muralhas, tornando-se distincto n'essa faina humanitaria o sargento fiel Bellino Sergio Rodrigues que deu provas de desinteressada humanidade, pois que não sendo marítimo entrou corajosamente no rio por duas vezes, em risco de ser esmagado por um pontiang, de bordo do qual conduziu ás costas para terra duas mulheres, que tranzidas de susto se não aventuravam a salvar-se, e que seriam de certo victimas, pois que a sua embarcação foi completamente destruída.»

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

A PIO IX, O GRANDE IX

Por falta de espaço só publicamos n'este n.º a continuação da subscrição, deixando o resto para o n.º seguinte.

SUBSCRIÇÃO PARA O MONUMENTO

Transporte do n.º anterior, geral.....	427\$790
Enviado pelo R.º Sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, de Aguas Santas.....	5\$000
Do Ex.º Sr. Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco, de Maiorca.....	4\$500
Da Ex.ª Sr.ª D. Maria do Carmo de Jesus Seixas Castello Branco, idem.....	2\$250
Do Ex.º Sr. José Vaz de Jesus Seixas Castello Branco, idem.....	4\$500
Subscrição promovida pelo Ex.º Sr. Julio Mascarenhas, da Mina de S. Domingos:	
Das Ex.ªs e Ex.ºs Snrs.	
Julio Mascarenhas...	2\$000
Padre José Pereira Nunes.....	2\$000
José Domingues Medero.....	2\$000
D. Maria do Rosario Valente.....	\$300
Padre João Honorio P. d'Abreu.....	\$500
D. Brigida Medero Valente.....	\$400

Feliciano Vasco da Silva.....	\$200
Victoriano Rona.....	\$200
	7\$600
Somma da subscrição geral.	451\$640
Transporte da subscrição dos Ex.ºs e R.ºs Prelados de Portugal.....	18\$000
Subscrição aberta pela redacção do <i>Novo Mensageiro do Coração de Jesus</i> , Lisboa..	38\$300
Somma total.....	507\$940

Aos nossos honrosos leitores
desejamos magnificas e alegres festas, e enviámos
a todos nossos cumprimentos.
a redacção.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 12 de dezembro a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

Dos Ex.ºs e Ex.ªs Snr.ªs:

—Padre Joaquim Domingues da Silva.—Tomamos nota de tudo quanto nos ordena, e agradecemos.

—Frei Francisco d'Ave Maria Queiroz.—Recebemos, satisfaremos, e muito agradecemos. Quantia e adesão serão publicados opportunamente.

—Dr. Manuel Carvalho d'Araujo Lima.—Enviamos o 3.º fasciculo, que fica pago. Não é necessario pagar adiantado, é bastante depois de receber.

—Abade Manuel de Souza Rocha.—Fica pago o 4.º anno, e enviámos o n.º pedido.

—Padre Manuel dos Santos Cabral.—A mudança da nossa livreria motivou a demora. Já deve ter recebido, quando este n.º for distribuido.

—Padre Benevenuto de Souza.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre João da Costa d'Andrade.—Livro enviado. N.º 12 brevemente.

—Francisco Pereira da Silva Pinto.—Enviamos o 1.º e 2.º fasc. «Papas» e a «Roma», e enviaremos á maneira que forem sendo distribuidos.

—Padre José Agostinho da Silva Nunes.—Reformamos as assignaturas do 4.º anno; os 3 exemplares já estavam tomados.

—Padre José do Soveral Coelho Martins.—Fica pago o 4.º anno.

—Abade Antonio João Iria Carvalho.—Satisfazemos as duas assignaturas, que ficam pagas.

Desejavamos saber que n.º faltam ao snr. Faria.

—Braulio Lopes Freire de Gouveia.—Reformada a assignatura e enviados os fasc. 2.º e 3.º

—José R. dos Santos Gomes.—Recebemos e agradecemos.

—Prior José Fernandes Barreira.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Manuel Gaio.—Tomamos nota das duas assignaturas, que agradecemos, enviando os n.ºs publicados, e quando o snr. Padre Domingos o participar as notaremos como pagas.

—Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro.—Fica pago o 4.º anno, e agradecemos e enviámos os n.ºs pedidos.

—Alexandre Barboza de Queiroz.—Já foi enviado, e pedimos desculpa da demora.

—Padre Agostinho da Cunha Sotto Maior.—Mais uma vez agradecemos as ordens que satisfizemos.

—Adriano de Souza Gomes.—Reformadas as 2 assignaturas que agradecemos. Matrimónio enviado; n.º que falta breve irá.

—Padre Francisco José de Miranda.—Fica pago o 4.º anno, e tomamos nota da assignatura da II. da Inquisição, que agradecemos.

—D. Anna Carolina de Carvalho Leite Ancede.—Tomamos nota e agradecemos.

—Manuel Monteiro Limão.—Enviamos com o fasc. 3.º os da nova assignatura, que todas ficam pagas e agradecemos.

—Padre Antonio Corrêa d'Abrantes.—Fica pago o 4.º anno, e o Scavini até ao fasc. 32, ficando 100 réis por conta do 33.

—Abade de Vinhaes.—Tomamos nota da assignatura, mas do Snr. Padre José Lourenço não emquanto não soubermos a direcção.

—Augusto Eduardo Pinto Gouvêa.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Antonio Luiz da Silva Monteiro.—Ficam pagas as 3 assignaturas, que muito agradecemos.

—Padre José Antonio da Rocha.—Recebemos a quantia enviada, com a qual fica paga a II. dos Papas e Pio 9.º, sobrando 320 que ficam de conta de V. Ex.ª

—Theodoro José de Lima.—Ficam pagas as 5 assignaturas, que agradecemos, e enviado o livro indicado.

—Ficam pagas as assignaturas do 4.º anno, pertencentes aos Rev.ºs Snrs. Padre João Manuel Fernandes d'Almeida, e Padre Manuel Antonio da Cunha.

—Joaquim Ferreira dos Santos Rego.—A hora em que eu recebia a carta accusando a falta, devera já estar entregue.

—Padre Luiz de Queiroz Borges e Vasconcellos.—Satisfeito tudo, que agradecemos.

—Padre Luiz Ferreira Onofre.—Recebemos e agradecemos.